



Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

EXPULSANDO O RENEGADO JOÃO RODRIGUES E LIQUIDANDO O TRABALHO FRACCIONAL O PARTIDO REFORÇOU A SUA COESÃO E COMBATIVIDADE

A reunião de Direcção do nosso Partido, realizada em Outubro, constituiu, em todos os seus aspectos, uma importante vitória. Expulsando o renegado João Rodrigues e liquidando a actividade fraccional dos camaradas André e Montes, o Partido reforçou a sua inabalável unidade interna e em particular a unidade da sua Direcção.

A discussão que se travou em todo o Partido em torno deste problema, evidenciou a solidez da unidade monolítica de todo o Partido em volta do seu Comité Central. Todos os militantes e organismos, de maior ou menor responsabilidade, condenam unanimemente a acção criminosa do desagregador João Rodrigues, aprovam a sua expulsão e submetem a uma severa crítica os camaradas André e Montes. Isto é bem um sintoma de vitalidade do Partido e da coesão das suas fileiras.

Além da discussão realizada na reunião de Direcção e do debate que se desenvolveu em todas as organizações, cada camarada fica com uma ideia mais exacta e mais elevada do que representa a unidade das fileiras do Partido e é educado na necessidade de velar por ela de forma permanente e de combater todos aqueles que a enfraquecem. A unidade de vontade e de acção dentro de todo o Partido é uma questão fundamental e inafável, é um princípio sagrado e a condição fundamental do contínuo crescimento e fortalecimento do Partido. O Partido, aprendeu a cuidar mais severamente da unidade e coesão das suas fileiras, cada camarada está elevando a noção das suas próprias responsabilidades e deveres, todo o Partido elevou e continua a elevar o seu nível político e ideológico e a desenvolver e aprofundar a crítica e a auto-crítica, como o demonstra a discussão realizada na reunião de Direcção e nas discussões que se seguiram em todo o Partido.

A acção desagregadora de João Rodrigues

Além dos factos apontados no Comunicado do Comité Central e no informe do Secretariado apresentado à reunião de Direcção pelo camarada Melo, onde se analisaram e condenaram as ideias oportunistas que o João Rodrigues pretendia infiltrar no Partido e das várias manobras provocatórias que ele levou a efeito para minar a unidade interna do Partido, a Direcção do Partido tem sido informada de novos factos sobre a actividade de sapa de João Rodrigues que mais ainda reforçam a justiça das decisões e das conclusões da reunião de Direcção. O Partido sabe hoje que, com o conhecimento do João Rodrigues, um outro provocador estava enichado numa organização local, ocultando ainda ao Partido o facto de um camarada funcionário ter proposto por diversas vezes a sua expulsão. Também vários elementos que traíram na polícia e que desenvolvem uma actividade provocadora estavam enichados em comissões do M.N.D., sem que ele procurasse fazer esforços para esclarecer os comunistas sobre a necessidade de escorraçar tais elementos. A par disto, no momento em que ainda desconhecia que tinha sido expulso do

Partido, João Rodrigues entrou em contacto com o grupo de provocadores que conhecia muito bem como tal e de que fazem parte Gabriel Pedro, Edmundo Pedro, Gilberto de Oliveira & C.ª

Todos estes exemplos, juntamente com os divulgados anteriormente, evidenciam cada vez mais a duplicidade desse renegado e a actividade clandestina que vinha desenvolvendo dentro do Partido. Ele procurava liquidar o Partido como força de vanguarda organizada, como o indica o facto, só hoje conhecido, de colocar todos os militantes dum importante sector profissional, como simpatizantes e contribuintes. E, ao entrar em contacto com provocadores, ao abrir as portas das organizações que controlava a elementos provocadores, João Rodrigues visava o objectivo de unir-se a toda essa escória para a sua actividade contra a unidade e a linha política do Partido e na luta contra a sua Direcção.

A actividade fraccional dos camaradas André e Montes

Apesar das resistências que os camaradas André e Montes opuseram às conclusões da Direcção do Partido sobre as reizes ideológicas da actividade fraccional em que caíram, as diversas discussões realizadas com os dois camaradas mais acentuaram a gravidade de todas as concepções por eles perfeitadas e, em particular, pelo camarada André.

Foi só através do desmascaramento da actividade de sapa de João Rodrigues que o Partido pôs a nu a actividade fraccional e o ambiente de compadrio que existia no organismo de que faziam parte. O provocador João Rodrigues procurou utilizar o debate em torno do Projecto de Programa e do Plataforma de Unidade para lutar contra a linha política do Partido e difundir calúnias e intrigas como instrumentos de luta contra a Direcção do Partido e a sua unidade. Os camaradas André e Montes, ao colaborarem neste plano fraccional e escondendo do Partido conclusões que tiraram e conversas da maior gravidade havidas entre eles, violaram grosseiramente os princípios orgânicos do Partido e caíram na quebra da sua unidade. E, na medida em que as ideias do João Rodrigues tiveram um poder de atracção junto dos dois camaradas, isso revelou que entre eles existiam afinidades políticas e ideológicas.

Foi na base desses afinidades que os camaradas André e Montes foram para a V.ª Reunião Ampliada como fracção organizada contra a linha política da unidade do Partido, fracção que foi encoberta ao Partido, e se prolongou até à última reunião de Direcção, onde a voz do João Rodrigues ainda se fez ouvir através dos camaradas André e Montes.

E, no que respeita ao camarada André, a actividade e ambiente fraccional estendeu-se ainda para além do próprio reunião de Direcção, na medida em que continuou a ocultar ao Partido aspectos graves da sua actividade perniciosa, antes e depois da reunião de Direcção, na medida em que não cumpriu a decisão de abrir larga discussão sobre a actividade fraccional em todas as organizações e com todos os camaradas e, a alguns, não comunicando sequer a ex-

pulção do João Rodrigues. Desta forma, o camarada André demonstrou que continuava mergulhado nas raízes ideológicas que o conduziram à queda da unidade do Partido.

A raiz fundamental da actividade fraccional em que caíram os camaradas André e Montes reside na falta de confiança na classe operária, o que os conduziu para a falta de confiança no Partido, na sua Direcção e na capacidade dos quadros proletários. O Partido aparecia aos olhos desses camaradas não como um todo único, ligado indissolivelmente à classe operária que o forçou, mas individualizado em alguns camaradas. Ambos os camaradas não só individualizavam o Partido, mas também os quadros e os seus próprios problemas. Por esta razão, e em especial no camarada André, a falta de confiança na classe operária, no Partido e na acção das massas, tornou-se mais acentuada a partir de 1949, isto é, depois da prisão do camarada Duarte e das prisões que se seguiram.

Minados por tais concepções estreitas ao Partido do proletariado, não confiando na classe operária e no Partido, não era possível confiar na justeza da orientação e linha política do Partido, na sua política de quadros e na capacidade dirigente dos seus quadros proletários. E porque não estavam seguros da orientação do Partido, nem confiavam na sua justeza, perflaram algumas das concepções políticas do João Rodrigues, quer sobre o Projecto de Programa, quer sobre a Plataforma de Unidade.

No camarada André, as divergências de carácter oportunista tiveram várias manifestações. Assim, em 1949, defendeu a apresentação de candidatos a deputados sem a prévia conquista das condições mínimas. Quando da assinatura do armistício na Coreia, preconizou apoiar a palavra de ordem dum Comissão de Paz, para se ir aos consulados dos Estados Unidos, Inglaterra, etc., agradecer a conclusão do armistício, ignorando o facto das potências imperialistas tudo terem feito para impedir a sua assinatura. E, além doutros factos, ainda recentemente inscreveu num manifesto — de que a Direcção do Partido impediu a distribuição — a errada e oportunista palavra de ordem de exigir do Presidente da República a constituição de um Governo de Unidade Nacional. Tal orientação significa contrariar o princípio fundamental de orientação do Partido, que consiste em *derrubar o regime fascista*, como condição essencial para a criação de um Governo de Unidade Nacional.

E, porque os camaradas André e Montes não confiavam na classe operária, no Partido e na sua orientação, porque estavam envolvidos numa actividade fraccional, grande parte das deficiências das organizações e dos quadros por eles controlados não eram mais do que o reflexo dessa situação. A par disso, ambos os camaradas estavam revelando falta de entusiasmo e de confiança nas suas próprias possibilidades, tinham quebras na sua actividade, não estudavam seriamente os materiais do Partido e as tarefas a seu cargo.

Por tudo isso, a orientação e as resoluções do Partido não eram materializadas em muitos aspectos, era débil o controle e o auxílio aos quadros, as organizações não progrediam, não se recrutavam e promoviam quadros, as necessidades financeiras do Partido não eram resolvidas, nem havia a necessária vigilância e combate aos provocadores anichados em organizações de base e nos movimentos democráticos. A par disto, desrespeitavam frequentemente resoluções do Partido, não cumpriam algumas resoluções ligadas à defesa das instalações dos funcionários, como até eram desconhecidas de camaradas que controlavam.

Os defeitos de formação, o individualismo, a fuga ao trabalho e à discussão colectiva, os recalcamientos, as ideias e sentimentos que reservavam há anos e não comunicavam ao Partido, juntamente com os outros aspectos já analisados, adubaram o terreno para a actividade fraccional em que os dois camaradas se envolveram. Por outro lado, enquanto o camarada Montes utilizava a crítica, o camarada André, por presunção e auto-suficiência, tem resistido sistematicamente à auto-crítica. Isto conduziu-o à fal-

ta de lealdade e de sinceridade para com o Partido e a sentir-se mais à vontade a discutir os seus problemas com camaradas a quem o ligavam uma amizade pessoal, do que nos organismos do Partido a que tem pertencido. As suas tendências, baseadas no pernicioso culto da personalidade, levaram-no à individualização do Partido no camarada Duarte, o que significa deformar o camarada Duarte, separando-o do Partido que o forçou como líder nacional, e, por outro lado, conduziu-o ao cultivo de relações com intelectuais, enquanto revelava falta de consideração e carinho pelos quadros proletários mais modestos.

Todos estes aspectos nos indicam que o camarada Montes e, de forma mais acentuada, o camarada André têm revelado ausência da ideologia do proletariado e que ainda não se libertaram completamente de nefasta ideologia de burguesia.

O Partido fortaleceu-se

A vigilância do Partido não se limitou a pôr a descoberto a actividade de sapa e anti-Partido do renegado João Rodrigues. Pôs também a nú a actividade fraccional dos camaradas André e Montes e as raízes ideológicas em que estavam mergulhados. Ambos os camaradas tinham uma noção pouco elevada dos princípios que caracterizam o nosso Partido e não corresponderam à confiança que o Partido neles depositou. Por tudo isso, o Partido sancionou-os com baixa de escalão e destinou-lhes novas tarefas.

Os camaradas André e Montes não se conheciam a si próprios, estavam estagnando e perdendo as perspectivas e caminhavam para um abismo. Conforme salientou a reunião de Direcção, somente com uma auto-crítica franca, aberta e sem restrições, poderão pôr a nú todas as raízes que os conduziram à actividade fraccional e poderão tirar conclusões claras, firmes e convincentes que garantam a sua rectificação na prática. Ambos os camaradas estão trilhando este caminho e, para a realização desta tarefa, têm lido um inestimável e fraternal auxílio de todo o Partido e em particular da sua Direcção.

Depurando-se do renegado João Rodrigues e liquidando a actividade fraccional existente num organismo, o Partido reforçou a unidade e a combatividade das suas fileiras e fortaleceu-se. Continuar a reforçar a unidade de vontade e de acção em todo o Partido e fazer desta tarefa um problema vivo de cada militante é uma condição essencial para assegurar o contínuo crescimento e fortalecimento do Partido. Precisamente por isto, a discussão deste ponto deve ser feita em todo o Partido e voltar de novo a discutir-lo onde se fez de maneira insuficiente.

Porém, a discussão só poderá dar os resultados desejados desde que se desenvolva sob o signo da crítica e da auto-crítica, da elevação do respeito pelos princípios do centralismo democrático, do reforçamento do trabalho colectivo e do desenvolvimento da vigilância e do controle, em especial de baixo para cima, pois devemos ter bem presente que foi a débil aplicação destes princípios leninistas que facilitaram ao desagregador João Rodrigues desenvolver a sua actividade de sapa contra o Partido.

Os camaradas dum Comité Regional que, depois de discutirem largamente este problema e de criticarem as deficiências do funcionário controlador desse organismo, se comprometeram a destinar pelo menos quatro horas por semana para o estudo dos materiais do nosso Partido e dos nossos mestres, e que iriam fazer todos os esforços para levar os camaradas das organizações que controlam a fazer o mesmo, indicam a todo o Partido o caminho justo. Desenvolver a crítica e a auto-crítica, em especial de baixo para cima, elevar o respeito pelo cumprimento dos princípios do centralismo democrático, reforçar ao máximo o trabalho colectivo e a disciplina, elevar a vigilância revolucionária e a luta contra os provocadores e desagregadores, elevar o nível político e ideológico de todo o Partido e de cada militante em particular, fortalecer e ampliar a ligação do Partido com as massas, eis as tarefas essenciais apontadas a todo o Partido pela reunião de Direcção.

A tendência dos militantes ocupações em trabalhos práticos de prescindir da teoria vai de encontro ao espírito do leninismo e encerra grandes perigos para a causa.

Stáline

DISCUTAMOS O PROJECTO DE PROGRAMA NO SEIO DO PARTIDO E DAS MASSAS!



por FREITAS

O aparecimento do Projecto de Programa do Partido, discutido e aprovado na V.^a Reunião Ampliada do Comité Central, representa um acontecimento histórico na vida do nosso Partido. Com a sua publicação o Partido fornece aos seus militantes uma poderosa arma para a elevação do seu nível político e ideológico e para uma ligação ainda mais estreita do Partido com as amplas massas populares. O Projecto de Programa que representa já um trabalho colectivo muito importante da Direcção do Partido, não é ainda o documento definitivo como o seu nome indica. Para a elaboração definitiva do Programa, o Comité Central do Partido nomeou uma Comissão de Redacção que aguarda os resultados do estudo e discussão do Projecto de Programa que está em curso no seio do Partido e junto das massas, estando encarregada de recolher e estudar todas as opiniões e conclusões. É necessário, portanto, que todos os organismos e militantes do Partido, que todos os simpatizantes, democratas e patriotas se dediquem ao estudo e discussão do Projecto de Programa, [e]zen chegar rapidamente as suas opiniões e conclusões à comissão do programa.

O Programa do Partido é o Programa do povo

O Programa do Partido abre novas perspectivas ao desenvolvimento do Partido e ao aumento da sua influência e prestígio entre as massas trabalhadoras da cidade e do campo, entre a juventude e as mulheres trabalhadoras e junto dos intelectuais progressivos e das camadas da pequena e média burguesia. Com a publicação do Programa do Partido, a classe operária ficará a saber claramente quais os objectivos por que luta o seu Partido, como conseguir esses objectivos e o papel de vanguarda que lhe cabe na sua conquista. As massas camponesas ficam a saber qual o caminho que o Partido lhes aponta para saírem do estado de miséria em que se encontram e ficam a conhecer os princípios orientadores duma verdadeira Reforma Agrária que dê a terra a quem a trabalha e pela qual o Partido se propõe lutar. A *intelectualidade progressiva*, que é constantemente perseguida pelo fascismo, o qual, além do mais, lhe atrofia e capacidade criadora, encontrará no Programa do Partido o caminho que a conduzirá, através da luta, ao livre desenvolvimento das suas faculdades de criação, depois de se libertar das peias da censura e do terror da PIDE. A *juventude e as mulheres trabalhadoras* ficarão a saber que o Partido se propõe lutar pelos seus direitos políticos e sociais, espezinhados pelo fascismo, e por um programa que termine para sempre com a desumana diferenciação e exploração no seu trabalho e que defenda o justo princípio de *a trabalho igual salário igual*. As camadas da *pequena e média burguesia* — os pequenos e médios industriais, agricultores e comerciantes — que são impiedosamente esmagados pela política fascista de subordinação ao imperialismo e de protecção aos grandes monopólios, encontrarão no Programa do Partido um estímulo para a luta, pois ficarão a saber que o Partido lhes garante a liberdade de iniciativa e protecção apropriadas contra a concorrência dos grandes monopólios, uma vez que estes serão abolidos e nacionalizados as empresas monopolistas.

Os povos das *Colónias Portuguesas* verão expresso no Programa do Partido o justo princípio da *auto-determinação*, incluindo o direito de se separarem do País, assim como a garantia dum auxílio fraterno que lhes crie rapidamente condições para uma vida inteiramente independente e democrática.

A justiça da luta que o nosso Partido conduz em

defesa da Paz, da Democracia e da Independência Nacional está claramente expressa no Projecto de Programa, ao analisar-se a situação a que o fascismo conduziu o País e o povo. Mas o Partido não se limita a isso. No Projecto de Programa abrem-se perspectivas à luta do nosso povo, para a saída da actual situação através do derrubamento do fascismo e da instauração dum Governo Democrático de Unidade Nacional. O Partido não deixa óvidas ao nosso povo quanto às dificuldades a vencer para conseguir este objectivo, ao dizer que o fascismo não será derrubado facilmente sem dura luta. No Projecto de Programa o Partido deixa claro que só há um caminho para conseguir esse grande objectivo, quando diz: «*A Unidade Nacional do povo português na luta contra o fascismo e o imperialismo é a única arma capaz de assegurar a vitória do povo sobre os seus piores inimigos. Essa Unidade Nacional por que o Partido Comunista luta tem de se forjar à volta da Unidade da classe operária e da sua aliança com os camponeses, como classes mais numerosas e mais combativas. Como aliados da classe operária e dos camponeses na luta contra o fascismo podem e devem alinhar a intelectualidade progressiva e os representantes da pequena e média burguesia da cidade e dos campos*».

O estudo e a assimilação destes princípios por parte de todos os militantes do Partido são duma importância decisiva para o alargamento e fortalecimento da Unidade.

Como estudar o Projecto de Programa, como discuti-lo com as massas

Impõe-se uma ampla divulgação do Projecto de Programa do Partido entre todas as classes e sectores da população que podem ser interessados na Unidade. As organizações do Partido devem discutir este assunto para encontrarem as formas práticas de fazer chegar às mãos de todos os portugueses honestos, quer de modo directo quer indirecto, este publicação do Partido.

O estudo do Projecto de Programa deve ser feito individualmente por todos os militantes, simpatizantes e amigos do Partido e só depois deste estudo deverá ser discutido colectivamente, quer nos organismos do Partido, quer junto das massas.

A discussão junto das massas pode revestir-se das formas mais variadas, desde as conversas simples com carácter individual, até à discussão com grupos de operários e camponeses, nos locais de trabalho ou onde se juntam habitualmente. É necessário fomentar a discussão sobre os vários pontos que mais interessam aos trabalhadores a quem nos dirigimos. Não devemos ter a pretensão de discutir duma só vez o Projecto de Programa no seu conjunto. Nas fábricas e oficinas devemos procurar ouvir com particular interesse a opinião dos operários, as suas sugestões e críticas sobre a parte do Projecto de Programa relativa à classe operária; junto dos camponeses devemos explicar pacientemente e parte que no Projecto de Programa a eles se refere e ouvirmos com muita atenção as suas opiniões.

Devemos também divulgar o Projecto de Programa junto dos intelectuais, dos jovens e das mulheres, promovendo reuniões, auscultando o seu modo de pensar, ajudando-os a assimilar e divulgar o Projecto de Programa, para que lutem firmemente pela sua realização *ao lado da classe operária e dos camponeses*.

Devemos também organizar inquéritos e entrevistas

com as várias camadas do nosso Povo sobre os problemas que mais as afligem, em ligação com pontos do Projecto de Programa.

Não nos devemos limitar a fazer chegar o Projecto do Programa às mãos dos democratas e patriotas sinceros. Devemos explicar-lhes o valor desta publicação do Partido, o que ela contém de fundamental para a realização da Unidade e para a solução dos problemas nacionais.

Pela discussão, pelo trabalho persistente e esclarecedor de natureza colectiva, devemos explicar e tornar a explicar o Projecto de Programa do Partido para que ele seja devidamente compreendido e aceite pelos trabalhadores e pelas várias camadas da população, para que se transforme no verdadeiro Programa do Povo, para que as massas lutem pela sua

aplicação.

Para uma justa compreensão dos vários pontos do Projecto de Programa é necessário relacioná-los sempre com a situação política presente, demonstrando aos democratas e às massas a justeza da política do Partido, a qual se harmoniza de forma clara com os pontos definidos no Projecto do Programa. Deste modo, o nosso Partido tornará claro que não só define com justeza o seu Programa, como luta consequentemente pela sua aplicação no actividade diária em defesa dos interesses dos trabalhadores, em defesa da Paz, da Democracia e da Independência Nacional.

Avante pelo estudo e discussão do Projecto de Programa!

Façamos do Programa do Partido o Programa do Povo!

AS LUTAS DO POVO PORTUGUÊS E A ORIENTAÇÃO DA V.ª REUNIÃO AMPLIADA



por ABEL

As resoluções da V.ª Reunião Ampliada enchem de confiança os homens, as mulheres e os jovens progressivos e amantes da Paz, na certeza de que a vitória sobre o salazarismo e a sua política anti-popular e anti-nacional é possível, se reforçarmos e alargarmos decididamente a Unidade de Acção em « Defesa da Soberania e da Independência Nacionais », em « Defesa da vida pacífica do povo português » e na « Conquista das Liberdades Democráticas ».

Estes três pontos que definem os objectivos das lutas do povo português representam a base mínima da Plataforma de Unidade que o Secretariado do Comité Central publicou no « Avante! » n.º 185 e que todo o Partido aprovou. No seu conjunto os factos ilustram, com toda a evidência, que a Plataforma de Unidade foi aceite e compreendida pelas massas trabalhadoras e pelos democratas e patriotas honrados.

A V.ª Reunião Ampliada salientou ainda nas suas resoluções «... que a condição essencial para a realização das tarefas do alargamento da Unidade de Acção na defesa da Paz, da Soberania e Independência Nacionais e da Democracia é a confiança nas massas e o trabalho sempre estreitamente ligado às elas.»

As massas confirmaram a orientação do Partido

A melhor forma de aferir da justeza de uma orientação reside nos seus resultados práticos e no apoio que lhe dão as massas através das mais variadas acções.

A orientação e as resoluções da V.ª Reunião Ampliada têm tido a sua expressão prática nas greves, nas concentrações, nas marchas e nas dezenas de lutas, em número crescente, travadas em todo o país pelas classes operária e camponesa e outras camadas laboriosas em defesa dos seus direitos e reivindicações, contra o chamado aumento da produtividade, a exploração e os roubalheiras do patronato reaccionário e do fascismo, e nas comemorações do 1.º de Maio. Muitas dessas lutas foram parciais ou totalmente vitoriosas, tomando algumas delas formas superiores, com magníficos exemplos de unidade, de firmeza, de combatividade e de heroísmo. Em alguns casos, as classes trabalhadoras souberam aliar às suas reivindicações económicas a luta pela Independência Nacional, pela Paz, pela Democracia e por relações económicas livres com todos os países. Tais lutas revelam a radicalização crescente das massas trabalhadoras, a sua politização e o seu elevado sentimento patriótico, desmascarando assim a política de traição e de submissão do governo de Salazar e da burguesia monopolista nacional ao imperialismo estrangeiro.

Alargaram-se as lutas e acções de massas em defesa da Paz e pela Negociação, contra a política de exploração e exploração dos povos coloniais, pela solução pacífica do caso de Goa e pela defesa da liberdade para os povos destas colónias decidirem do seu destino, o que fez fracassar totalmente as « manifestações » encomendadas do salazarismo. Intensificaram-se as acções por uma ampla amnistia

para todos os presos políticos e contra a repressão, as péssimas condições prisionais, pela extinção do campo de concentração de Angola e pela libertação da Comissão Central do M.N.D.. Várias lutas foram travadas por reivindicações locais e eleição de Juntas de Freguesia leais ao povo, pela Independência Nacional e pela Democracia. Nestas e noutras lutas tiveram larga e importante participação as forças democráticas e as outras camadas progressivas o amantes da Paz da juventude, das mulheres, dos intelectuais e das classes médias da cidade e do campo.

Estes exemplos indicam-nos que as massas trabalhadoras estão dispostas a lutar e robustecem na Acção a sua Unidade e combatividade. Estes exemplos demonstram-nos que as forças democráticas, patrióticas e amantes da Paz são capazes de se lançar em novas e potentes lutas para a defesa dos interesses vitais do povo português e para a defesa da Democracia e da Paz.

Deficiências registadas

Embora as últimas lutas revelem um balanço bastante positivo da contribuição da actividade do Partido para o desenvolvimento da Unidade de Acção das camadas populares, das forças democráticas e da Paz, temos de registar ainda sérias deficiências na aplicação das resoluções da V.ª Reunião Ampliada.

Várias organizações e militantes do Partido não foram ainda capazes de vencer o sectarismo na luta pelo reforçamento da Unidade da classe operária e das várias camadas que o fascismo explora e prjudica, na luta pela defesa da Paz e contra a política de guerra e de traição nacional da camarilha salazarista.

Essas organizações e militantes não souberam ainda aproximar-se fraternalmente dos democratas e patriotas, dos homens e das mulheres sem partido que em todo o país são capazes de alinhar ao nosso lado para acções de Unidade contra a política fascista e para a defesa dos seus interesses imediatos.

Os comunistas não foram até hoje capazes de ajudar os movimentos de Unidade a darem passos decisivos no alargamento da Unidade, na sua ligação com os vários sectores nacionais que interessa mobilizar e no fortalecimento e desenvolvimento da luta pela Paz.

O nosso Partido não soube ainda dar execução nacional à luta pela defesa das matérias primas contra a exploração e o saque dos imperialistas americanos e ingleses e pela realização de relações comerciais normais com todos os países.

Algumas organizações e militantes do nosso Partido têm uma falta de compreensão, de iniciativa e de audácia perante os problemas que afligem a vida da classe operária, das massas camponesas, do povo português, como os despedimentos, os baixos salários, o custo da vida, o aumento das rendas de casa, a crise, os impostos, etc.. Só assim se justifica que algumas das importantes lutas desencadeadas recentemente não tenham correspondido às

condições objectivas existentes e não se tenham aproveitado novos motivos para organizar amplas lutas de carácter local, regional ou nacional contra a política fascista.

Em relação ao caso da Índia, as várias acções de massas levadas a cabo, embora muito importantes, não tiveram a projecção que este grave problema representa na vida do nosso povo. Em muitas dessas acções houve uma falta de continuidade, um débil aproveitamento da disposição de luta das massas.

UNIDADE— uma importante tarefa do Partido

No cumprimento das resoluções saídas da V.^a Reunião Ampliada, o nosso Partido deve vencer a falta de ligação com as massas, o sectarismo e outras deficiências do seu trabalho. Torna-se necessário que estudemos, assimilemos e levemos à prática a orientação do nosso Partido saída dessa histórica reunião.

Os ricos ensinamentos das lutas recentes indicam-nos que a aplicação prática dos pontos básicos da Plataforma de Unidade é possível se nos virarmos para as empresas, para o campo e para as localidades e encabeçarmos audaciosamente a luta. As lutas das massas trabalhadoras constituem o factor fundamental para o fortalecimento da Unidade da classe operária e para o fortalecimento da Unidade Nacional. Para cumprirmos as resoluções da V.^a Reunião Ampliada, devemos reforçar a luta pela Paz entre os operários e camponeses, entre a juventude e as mulheres, entre os intelectuais, classes médias, forças armadas, entre os democratas e patriotas. A luta pela solução pacífica do caso de Goa, pelo regresso dos soldados, pela auto-determinação dos povos constitui uma tarefa central da actividade do Partido que pode chamar à acção novos sectores de democratas e as mais largas massas do nosso país, desde que seja orientada com largueza de vistas e capacidade organizativa. A prová-lo estão já as várias acções de massas a que o nosso Partido tem feito referência. A prová-lo está o facto de uma simples mulher do povo, a quem enviaram o filho para Goa, ter, ela só, angariado várias assinaturas e constituído uma co-

missão de Paz que começou a actuar.

No cumprimento das resoluções da V.^a Reunião Ampliada, devemos reforçar a Unidade de Acção na defesa da Independência e da Soberania Nacionais, na defesa das matérias primas, pelas relações comerciais normais com todos os países, pela conquista das Liberdades Fundamentais.

Tal como nos indicam as resoluções da V.^a Reunião Ampliada, «esta grandiosa tarefa não pode ser somente obra do nosso Partido, mas de todas as forças democráticas e patrióticas. Nós, os comunistas, acolheremos fraternalmente, colaboraremos com todos os democratas e patriotas de boa vontade, mesmo com aqueles que ainda ontem actuaram de forma errada, mas que hoje estejam dispostos a vir à Unidade.» Neste sentido, as nossas organizações e os nossos militantes devem tomar resoluções precisas para chamar à luta outros democratas e patriotas na base de acções concretas em que o sectarismo seja vencido pela noção exacta das nossas responsabilidades e pela necessidade da aplicação imediata da linha do Partido.

A luta dos povos das colónias portuguesas ganhou novo impulso desde a realização da V.^a Reunião Ampliada. A nossa grande tarefa consiste numa ajuda fraternal a esses povos e numa maior ajuda às organizações das colónias para que se transformem em verdadeiros partidos comunistas que orientem a luta das populações oprimidas.

Os comunistas devem esforçar-se cada vez mais por ajudar o Movimento Nacional Democrático, o MCD Juvenil, o Movimento Nacional da Paz, o Movimento das Mulheres Portuguesas a fortalecer a Unidade, a ampliar a sua acção na defesa dos interesses nacionais, regionais e locais e saber atrair sob múltiplas formas os democratas e patriotas que se mostrem dispostos a lutar e chamar à luta as classes médias que suportam as consequências da dominação fascista e mostram, como no caso concreto da crise vinícola, a sua disposição de luta.

Importa fortalecer cada vez mais a Unidade, torná-la o fulcro das múltiplas acções do Partido. As possibilidades de reforçamento e alargamento da Unidade são cada vez maiores, como nos indicam as resoluções da V.^a Reunião Ampliada.

PELA INTENSIFICAÇÃO DAS LUTAS DE MASSAS NAS EMPRESAS DO ESTADO !

por MIGUEL

A luta contra a situação de miséria em que vivem as massas trabalhadoras e a exploração de que são vítimas constitui um dos pontos essenciais da actividade do nosso Partido nas empresas e em todos os locais de trabalho. Na medida em que se agrava a difícil situação da classe operária e das massas laboriosas; na medida em que o fascismo intensifica os preparativos de guerra, torna-se cada vez mais necessário organizar os trabalhadores na luta contra o desemprego, por aumento de salários, por melhor assistência médica e farmacéutica, por melhores condições de trabalho, contra as multas e castigos e pela solução dos seus problemas. Torna-se cada vez mais necessário organizar a luta pela Paz.

Apesar de a dura vida de miséria dos trabalhadores portugueses impor a todas as organizações do Partido uma boa compreensão sobre o que representam os movimentos de massas para a melhoria da situação da classe operária e para o derrubamento do fascismo, há ainda camaradas que, por não terem essa compreensão, não dão um passo no sentido de organizar a sua classe na luta pelas suas reais sentidas aspirações. Fechando os olhos às realidades, eles resistem aos movimentos de massas e apresentam, em contrapartida, várias ideias erradas.

Vamos hoje falar sobre as empresas do Estado, onde trabalham milhares de operários que, além de suportarem uma revoltante exploração, correm graves perigos de morte e são forçados a trabalhar para os fomentadores de guerra.

Numa empresa do Estado, os camaradas alegam não haver condições para lutas reivindicativas porque os operários são empregados do Estado e têm medo

de ser despedidos.

Noutra empresa do Estado, onde os trabalhadores já participaram numa importante greve, os camaradas também dizem que, devido às ameaças dos gerentes, os operários não abrem a boca em defesa dos seus interesses.

Também noutra empresa do Estado, quando se discute a necessidade de se formar uma comissão de Unidade, um camarada diz: «Não há pessoas que se interessem por qualquer reivindicação dentro da empresa». Dizio mais: «Nas condições em que vivemos, quais os operários que se dispõem a enfrentar a gerência, correndo o perigo de ser despedidos?»

EXEMPLOS DE LUTAS NAS EMPRESAS DO ESTADO

A ideia de que os trabalhadores das empresas do Estado não se dispõem a lutar por receberem, mais que os outros, ser despedidos e perder o seu pão é uma ideia errada, espalhada geralmente pelos camaradas que, tendo uma situação privilegiada dentro dessas empresas, não sentem os problemas e as dificuldades que afligem a maioria dos trabalhadores assalariados e empregados das empresas do Estado.

É verdade que os dirigentes dessas empresas procuram geralmente fazer sair dentro delas uma espécie de disciplina militar que começa pela proibição imposta pelo fascismo aos servidores do Estado de se poderem organizar nos Sindicatos Nacio-

GES
PCP

nais. Mas a experiência tem demonstrado que, sempre que os trabalhadores dessas empresas se unem e lutam de forma organizada, conseguem ver triunfar as suas reivindicações e defendem com a sua unidade os companheiros que mais se destacam na condução das lutas.

A luta dos operários do Arsenal do Alfeite em 1946-47 é um exemplo que deve ser meditado pelos camaradas que manifestem ideias derrotistas quanto à capacidade e disposição de luta dos trabalhadores das empresas do Estado. Durante bastante tempo, uma « comissão », formada por indicação dos mestres e com o apoio do director fascista, andou a enganar os operários, envolvendo-os em conversas amigáveis com o director, sem que daí viesse qualquer solução para a situação aflitiva em que se debatiam os trabalhadores da empresa. Indignados, os operários elegeram uma ampla Comissão de Unidade, com representantes de todas as oficinas do Arsenal, a qual elaborou uma exposição que apresentou à gerência assinada por 1.200 operários, a quase totalidade dos trabalhadores da empresa. A gerência do Arsenal foi obrigada a atender as suas reivindicações e a reconhecer a existência da Comissão de Unidade formada pelos trabalhadores como a única representativa dos seus interesses. Foi a unidade forjada nesta luta que criou as condições para a paralização de 12 de Abril de 1947 de solidariedade com os grevistas das Construções Navais, assim como as manifestações que se deram dentro do Arsenal que levaram o ministro da Marinha a mobilizar militarmente os trabalhadores.

Podemos citar ainda o exemplo, nas empresas do Estado, da homenagem prestada à memória do nosso saudoso camarada Stáline, em que participaram algumas centenas de operários que não recaram a repressão nem os despedimentos. E ainda não há muito tempo que os operários de uma dessas empresas, num bom trabalho de unidade, conseguiram levar a gerência a resolver um importante problema.

Estes magníficos exemplos deitam completamente por terra a falsa teoria de que os trabalhadores das empresas do Estado não se dispõem a lutar. Eles lutam e vencem sempre que lhes chega a justa orientação do Partido, como a experiência nos tem demonstrado.

É necessário que as organizações do Partido nas empresas do Estado dediquem mais atenção aos problemas que nestas empresas afligem os trabalhadores e que podem ser factores da sua mobilização para a luta, ao lado dos trabalhadores das empresas particulares.

Intensifiquemos as lutas de massas

A falta de confiança nas massas e na sua capacidade de luta, a resistência à intensificação das lutas da classe operária não é própria dos comunis-

tas nem da doutrina que os guia: o marxismo-leninismo. Uma tal atitude negativa revela que os camaradas não compreenderam o valor revolucionário da classe operária, que não se sabem aproximar das massas e auscultar os motivos de descontentamento que se expressam sob várias formas, pois, se o fizessem, dar-se-iam conta do seu erro e das suas incompreensões.

A falta de confiança nas massas traduz-se na falta de confiança no Partido e na resistência à aplicação da sua linha política. Traduz-se na falta de movimentos de massas, quando as condições estão maduras para esses movimentos se realizem e sejam bem sucedidos.

Para acabar com a falta de trabalho de massas nas empresas, importa, em primeiro lugar, que todos os camaradas compreendam perfeitamente que a terrível situação da classe operária e de todo o povo só será resolvida com acções de massas. Para melhor o compreenderem, devemos provar nas reuniões, com os ricos exemplos de lutas de massas da classe operária e camponesa e de todo o povo, publicados no « Avante! » e no « Camponês », que há todas as condições para desenvolver lutas de massas. Importa que os nossos camaradas saibam ver que quando os trabalhadores participam na luta pela defesa dos seus interesses, aprendem a enfrentar o patronato reaccionário e o fascismo, a quem têm de arrancar vitórias parciais antes de alcançarem a vitória definitiva, que é a conquista do poder e a realização do socialismo.

Devemos explicar pacientemente aos nossos camaradas que os movimentos de massas por aumento de salários, contra as multas e castigos, por melhores condições de vida e de trabalho fazem parte também da luta pela Paz que é preciso desenvolver e organizar em todas as empresas. Na medida em que os operários estão a exigir que o dinheiro empregado em materiais de guerra seja aplicado em aumento de salários, melhor assistência, construção de balneários, refeitórios, etc., etc., lutam pela Paz. Devemos mostrar-lhes que os movimentos de massas pela solução das justas aspirações das massas trabalhadoras e de todo o povo, além de contribuírem para diminuir a miséria nos lares portugueses; são a melhor forma de unir e organizar o povo na luta pela Paz, pelo Pão, pela Terra pela Democracia, e pela Independência Nacional e pelo derrubamento do fascismo.

Se, a par disto, os camaradas e simpatizantes souberem, nas empresas e em todos os locais de trabalho, explicar aos trabalhadores os seus direitos, se se interessarem pelas suas reais aspirações e fizerem um bom trabalho de unidade, se os souberem orientar e organizar, de modo que todo a classe apoie as acções e desencadeie as Comissões de Unidade que a representem, novas vitórias alcançarão e as massas lançar-se-ão novamente na luta.

AUMENTAR A RECOLHA DE FUNDOS É UMA IMPORTANTE TAREFA DO PARTIDO



por MELO

As necessidades da dura e difícil luta que o Partido conduz, as suas crescentes tarefas e responsabilidades políticas, as tarefas de organização, agitação e propaganda, a existência de um largo corpo de funcionários, a defesa das organizações e militantes, em particular dos quadros de funcionários e de direcção, da intensa e cada vez maior repressão fascista, tudo isto exige muitas centenas de contos. Se as tarefas do Partido crescerem, se o seu papel é cada vez mais decisivo, é evidente que só o aumento das receitas poderá assegurar a realização das tarefas e o melhoramento de toda a actividade partidária.

Em muitas organizações, muitas e importantes tarefas não são realizadas por falta de recursos financeiros. Mas esta realidade não está ainda clara para muitos dos nossos militantes e até para alguns funcionários, os quais manifestam certa apatia e indiferença pelo problema dos fundos e não tomam medidas práticas para assegurar a melhoria das receitas.

A raiz destes factos reside numa incompreensão

política quanto ao papel dos fundos como meio de melhorar e intensificar a actividade do Partido na luta contra o fascismo.

Certos militantes do Partido não recolhem fundos porque têm receio da repressão e falta de confiança nas massas, porque substituíam as possibilidades das massas, evidenciadas tantas vezes no auxílio financeiro ao Partido. O sectarismo que ainda prevalece em certos camaradas e organizações reflecte-se na recolha de fundos, pois impede um maior contacto com as massas e o alargamento da influência do Partido. Nessas organizações, as receitas do Partido encontram-se limitadas aos camaradas e simpatizantes, não são feitas iniciativas de massas.

Para aumentar a recolha de fundos, o fundamental reside no reforçamento da ligação com as massas, estendendo a recolha de fundos para fora das organizações partidárias e levando as massas a contribuir de forma regular para o

Partido. Para além das cotizações, a recolha de fundos é, essencialmente, uma actividade de massas, através da qual o Partido alargará a sua influência e ligação com as massas sem partido. Os trabalhadores e os anti-fascistas em geral dispõem-se a contribuir financeiramente para o Partido porque vêem nele a vanguarda e o guia do nosso povo na luta contra o fascismo. Contudo, nem sempre o Partido chega até eles nem eles sabem como chegar até ao Partido.

Uma prova destas incompreensões está bem evidenciada com o fraco número de coupons que foram vendidos em certos sectores, não se tendo feito o que se podia fazer. Vários camaradas alegam que os trabalhadores não podem dar dinheiro e um deles afirmava até que «parecia mal pedir dinheiro a anti-fascistas, porque veriam logo que era para o Partido». Outro camarada afirmava: «Se as receitas não dão para as despesas, há que reduzir as tarefas e as actividades do Partido». Não revelam claramente estes exemplos falta de perspectivas políticas e subestimação das massas e do Partido, precisamente num momento em que as massas dão crescentes provas de combatividade e quando o prestígio e a autoridade do Partido crescem continuamente? Diminuir as despesas é justo e o Partido está tomando medidas para as reduzir sempre que isso não comprometa a realização das tarefas e a segurança dos funcionários e das organizações. Mas se o acréscimo das tarefas e das responsabilidades do Partido exigem maiores despesas, a solução não está na redução das despesas, o que obrigaria a afrouxar a luta contra o fascismo, mas sim no aumento das receitas como meio de assegurar a intensificação da luta. Que nos mostram alguns exemplos?

Numa aldeia, quando um camarada distribuía alguns coupons, um simpatizante camponês agarrou um deles e disse: «Este é para mim». Resposta do camarada: «Este é de 100\$00, é muito para ti!» — mas, apesar desta atitude pessimista, o simpatizante ficou com ele, pagando-o em várias prestações. Noutra aldeia, 10 jovens camponeses ficaram com um coupon de 20\$00 e fizeram entre eles uma rifa a ver qual deles ficaria com o coupon. Numa localidade, onde os camaradas alegavam não ser possível vender rifas entre as massas, um simpatizante vendeu 30 rifas em poucos minutos, dizendo abertamente a todos que era «para a malta que está em Caxias». Noutra localidade, um camarada andou a vender rifas a toda a gente nas ruas, levando o prémio na mão, e dessa forma vendeu dezenas de rifas com a máxima facilidade. Um grupo de operários fez uma empreitada e, noutra empresa, a um domingo, foram trabalhar e arranjaram centenas de escudos para o Partido. Numa localidade, os nossos camaradas criaram uma Comissão que realizou uma festa que rendeu cerca de 600\$00 e, numa outra festa, perto de 100\$00. Uma organização camponesa que esteve um ano desligada do Partido juntou as suas cotizações durante esse período e entregou-as depois ao Partido. Há camaradas intelectuais que dedicam certas receitas e gratificações integralmente ao Partido.

Estes e muitos outros exemplos mostram que as massas trabalhadoras, que os anti-fascistas podem e dispõem-se a contribuir para o Partido, que muitos camaradas e simpatizantes podem e dispõem-se a aumentar as suas contribuições, que as receitas do Partido podem e devem aumentar.

Há organizações onde o número de camaradas e simpatizantes aumentou, mas, apesar disso, as receitas diminuíram. Embora a miséria crescentes em que se debatem as massas tenha os seus reflexos nas receitas do Partido, esta não é a

razão dessa diminuição, como alguns camaradas pretendem para justificar-se. Analisemos alguns exemplos.

Numa importante empresa, a dos 3 camaradas do secretariado de célula há mais de um ano que não pagavam cotização. Um outro camarada promovido a um C.R. controlado por um funcionário também não pagava cotização e neste caso com razão, pois nem sequer sabia que isso existia, porque nunca lhe fora dito. Só ao fim de vários meses o funcionário se apercebeu de que a organização controlada por esse camarada nunca entregava dinheiro de cotização correspondente ao número de camaradas. Um funcionário do Partido voltou de controlar a organização dum importante centro industrial sem trazer vintem, criticado por esse facto, voltou a esse centro e fez um apelo especial que foi logo correspondido com 1.000\$00, tendo os camaradas afirmado que se alguns deles não davam dinheiro ao Partido era porque não lho pediam. Numa importante localidade, um funcionário fez um apelo para se arranjar algumas centenas de escudos como receita extraordinária, no que encontrou resistência da parte dos camaradas. Porém, semanas depois, passou por lá um vigarista espanhol que se intitulou «guerrilheiro» para o qual foram arrançados, em pouco tempo, 800\$00, com a colaboração dos nossos camaradas.

Como se vê, é por ausência de discussão e por falta de controle, mesmo de camaradas funcionários, que a recolha de fundos não aumenta e em certas organizações diminui. Os interesses do Partido e os princípios que devem caracterizar os seus militantes exigem que se abra discussão em todas as organizações de forma a corrigirmos situações idênticas às atrás apontadas. O aumento da recolha de fundos é uma tarefa que deve ser organizada e não improvisada, pois ela constitui um importante aspecto da actividade partidária.

Há camaradas que subestimam as iniciativas que dão pouco dinheiro e dessa forma põem um travão às pequenas iniciativas. Existe numa empresa uma iniciativa que rende 30\$00 todas as semanas. Poderá alegar-se ser pouco, mas se nas 10 empresas desta localidade fossem organizadas iniciativas semelhantes, isso significaria que só dessas pequenas iniciativas o Partido receberia da localidade em questão 300\$00 semanais, isto é, mais de 1.200\$00 por mês. Numa localidade, um camarada recolhe entre um pequeno número de simpatizantes e anti-fascistas, com grande regularidade, um mínimo de 500\$00 todos os meses. Este exemplo positivo pode e deve ser multiplicado em todas as empresas e localidades, organizando-se grupos de amigos e redes de contribuintes.

Estes dois exemplos, juntamente com a normalização das cotizações e do pagamento da imprensa, a realização das mais variadas iniciativas, mostram-nos o caminho para aumentar as receitas do Partido e provam-nos como isso é possível e está ao alcance de todos os camaradas e organizações. Para o conseguirmos, impõe-se abrir larga discussão em todo o Partido, assegurando que essa discussão chegue até à base. É necessário destacar quadros para esta tarefa, criando Comissões, não para cobrarem a cotização, como aconteceu numa localidade, pois essa tarefa cabe às células e organismos do Partido, mas sim com o objectivo de organizarem iniciativas de massas, grupos de amigos e redes de contribuintes. Para assegurar o imediato aumento das receitas, o fundamental reside na larga discussão política deste problema, no reforçamento da ligação com as massas, nas medidas de organização e no controle de execução.

«A boa organização do trabalho interno do Partido é uma condição importante para educar os comunistas e elevar a sua vigilância revolucionária. Arrastar todos os comunistas para uma intensa actividade pela realização das tarefas do partido, desenvolver a fundo a crítica e a auto-crítica sem ter em conta a pessoa, ter uma atitude intransigente com as insuficiências, tudo isto favorece o reforçamento dos partidos, a sua depuração de elementos estranhos e hostis». (Do artigo «Elevar a vigilância revolucionária — uma das tarefas mais importantes dos Partidos Comunistas e Operários», do jornal «Por uma Paz Duradoura, Por uma Democracia Popular», transcrito no «Militante» n.º 67, de Abril de 1952)

POR UM MELHOR TRABALHO DE AGITAÇÃO E PROPAGANDA



por IV®

Em Portugal, onde existe uma rigorosa censura à imprensa e onde a maioria dos jornais se encontra nas mãos dos reacçãoários e fascistas yandinos e dos fomentadores de guerra, só a imprensa democrática e em particular a imprensa editada pelo Partido Comunista serve a causa do Povo e da verdade.

«O Avante!», «O Militante» e várias outras publicações do Partido saem com regularidade e continuam a desmascarar a política fascista e a orientar as massas na defesa dos seus interesses e na luta pelo derrubamento do governo de Salazar.

Presentemente, a Direcção do Partido dispõe todos os esforços para levar cada vez mais junto do povo português a voz do nosso Partido, e voz da verdade. Por isso, o aparelho de agitação e propaganda é alvo da repressão dos esbirros salazaristas, por isso qualquer erro, por pequeno que possa parecer, pode abrir o caminho para as investidas da PIDE e para este nos assestar fundos golpes.

Impõe-se, por isso, que todos os camaradas nos seus organismos abram discussão sobre o funcionamento do aparelho de agitação e propaganda no seu sector de trabalho, com vistas a, por um lado, alargar e melhorar a difusão da imprensa do Partido e, por outro lado, a defender melhor o aparelho de agitação e propaganda da repressão fascista. Trataremos cada um destes pontos em capítulos separados.

1.º — Alargar a difusão da imprensa do Partido

Para alargar a difusão da nossa imprensa, as células e outros organismos do Partido devem trabalhar para que cada militante e simpatizante faça chegar directamente o «Avante!», manifestos, folhetos, etc., a todos os trabalhadores, a todos os homens e mulheres honrados, criando redes de leitores que recebam e paguem regularmente a imprensa do Partido. Há milhares e milhares de operários e operárias, há milhares e milhares de jovens que desejam ler a nossa imprensa para se esclarecerem e lutarem. A todos eles, assim como aos jovens soldados e marinheiros nossos conhecidos e aos guardas da PSP e da GNR que sabemos serem honestos, devemos fazer chegar a voz do Partido. Também devemos mandar a nossa imprensa para as localidades onde tenhamos um parente ou um amigo, onde haja um português honrado do nosso conhecimento, utilizando cartas, jornais, revistas, etc..

Nas as empresas e outros locais de trabalho é que devem ser o fundamental campo de acção para alargar a difusão de imprensa do Partido. É nas fábricas, nas oficinas e entre os camponeses que estão as massas revolucionárias, é ali que estão as forças principais em que o Partido se apoia. É, pois, ali que deve estar o nosso principal campo de acção. Devemos organizar grupos de leitores da nossa imprensa, devemos trabalhar para ligar mais o «Avante!» às massas, levando-as a escrever para a «Tribuna dos leitores do Avante!». Quanto maior for a colaboração das massas na nossa imprensa, através de artigos, sugestões e críticas, cartas a denunciar as actividades de guerra, a exploração, a repressão fascista, etc., mais viva se tornará a imprensa do Partido e em particular o «Avante!».

No que respeita ao «Militante», verifica-se que ele não está sendo justamente aproveitado. Há camaradas que não o distribuem aos simpatizantes. Isto é um erro porque há muitos simpatizantes que muito mais poderiam fazer se soubessem como desenvolver a sua actividade. Ora o «Militante» constitui um poderoso auxiliar, porque acumula as experiências do trabalho do Partido. Por este facto, as organizações devem passar a entregá-lo aos simpatizantes do Partido.

Por outro lado, a completar o papel da imprensa

do Partido, devemos utilizar a propaganda verbal.

Nos refeitórios, à saída do trabalho, em todos os locais onde se possa proporcionar ocasião para conversações, deveremos levantar discussões sobre vários aspectos da luta dos trabalhadores, da sua unidade na conquista de melhores condições de vida, do bem estar das massas trabalhadoras na União Soviética, na luta pela Paz, etc., colhidos com a leitura da nossa imprensa.

A realização de pequenas reuniões para ler às massas o Projecto de Programa do Partido, para lhes mostrar o que ele representa para o nosso povo, para levar as massas a apoiá-lo e a torná-lo o seu próprio programa e a lutar por ele é uma tarefa de maior importância.

Por último e com o fim de assegurar a continuação regular de toda a nossa imprensa e garantir a segurança do aparelho técnico, cada militante e simpatizante deverá pagar prontamente e na íntegra a imprensa recebida, aumentar as suas rubricas de «Amigos do Avante!», organizar grupos de «Amigos do Avante!», de forma a auxiliar financeiramente o Partido.

2.º — Defender melhor o nosso aparelho de agitação e propaganda

Dada a decisiva importância da imprensa do Partido no esclarecimento e mobilização das massas para a luta, os esbirros da PIDE não se poupam a esforços para impedir a sua publicação e evitar que ela chegue às massas.

O facto de a imprensa do Partido sair com regularidade e ter sabido furtar-se à acção da Polícia há largos anos não nos deve subir à cabeça. Tudo devemos fazer para nos furtarmos ainda melhor à acção do fascismo e continuar a assegurar a saída da nossa imprensa com regularidade e desta forma levar a voz do Partido às massas. Isto coloca a todo o Partido a necessidade de melhorar a defesa do seu aparelho de agitação e propaganda.

Para isso, a primeira condição é que cada organismo e cada célula do Partido estude com o camarada controlador as melhores e mais adequadas formas de recepção da imprensa e de defesa do seu aparelho de distribuição e de agitação.

Impõe-se a organização, em todas as localidades e grandes empresas, de brigadas de agitação constituídas só por camaradas que não exerçam outras tarefas e não como por vezes ainda acontece. Devem-se convidar os simpatizantes a participar nesta tarefa e cada brigada deverá estudar, com o maior cuidado, as formas de difusão directa e indirecta da nossa imprensa. Nas empresas e outros locais de trabalho onde os trabalhadores se conhecem, as formas directas são as mais aconselháveis, como se assinale no capítulo anterior. Na difusão indirecta, as brigadas deverão estudar as horas e a melhor forma para a colagem e lançamento de manifestos.

É evidente que os camaradas que fazem parte destas brigadas devem ter uma ajuda e controle do organismo político do seu sector.

A justa defesa do aparelho de agitação e propaganda exige que as brigadas de agitação sejam rigorosamente separadas do aparelho normal de distribuição e por outro lado que os camaradas com tarefas de distribuição e agitação tenham um cuidado especial no respeito pelas regras conspirativas. É necessário que as organizações estejam atentas e vigilantes contra as faltas conspirativas neste terreno, pois o inimigo aproveita-se de todos os nossos deslizes para nos vibrar golpes.

«Para o progresso dos quadros, devemos ajudá-los no cumprimento das suas tarefas, ajudá-los a vencer as suas deficiências e inexperiências, ajudá-los a vencer o seu acanhamento, a ideia falsa de incapacidade e, a todo o momento, estimular a sua iniciativa, estimular as suas críticas e sugestões, aumentar a sua responsabilidade e a sua confiança em si próprios.»

ÁLVARO CUNHAL